

IDENTIDADE MATERNA E SUJEITO NA MÍDIA

MATERNAL IDENTITY AND SUBJECT IN THE MEDIA

Jinny Kelly Centeno Ramos (UFLA)

Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFLA)

RESUMO

O artigo se propõe a debater os seguintes temas: identidade, sujeito e maternidade. Nesse contexto, visamos a apresentar uma proposta de análise que questione a manutenção dos estereótipos por meio do discurso do riso, contribuindo para a construção de processos de leitura a partir de um olhar crítico diante do sujeito representado na mídia. E, especialmente em relação ao papel da mulher-mãe, buscamos apontar os traços patriarcais envolvidos na maternidade ideal imposta ao gênero feminino e analisar como os sujeitos são constituídos dentro de redes discursivas que definem suas identidades e comportamentos. Tal tema se justifica por conta dos debates que a contradição apontada pelos movimentos feministas em relação ao ser mãe e mulher impõe ao desejo e como isso implica em outra perspectiva de paternidade, por consequência. Para alcançarmos os objetivos, respaldamo-nos no referencial teórico da Análise do Discurso, especialmente em Maingueneau (2008, 2005) e nos estudos sociológicos de Goffman (2002). Constituímos, portanto, um *corpus* com recortes discursivos da revista Pais&Filhos e um procedimento de análise por meio das categorias de interdiscurso, sujeito e identidade. Concluimos que os sujeitos que emergem no discurso atualizam os traços identitários tradicionais de pai e mãe e que a estratégia para a manutenção se dá por meio do discurso midiático, atravessado pelo discurso atópico do riso.

Palavras-chave: Análise do discurso. Interdiscurso. Identidade. Sujeito. Maternidade.

ABSTRACT

The research aims to discuss the following themes: identity, subject, and motherhood. Within this framework, we intend to present an analytical proposal that questions the maintenance of stereotypes through the discourse of laughter, contributing to the construction of reading processes from a critical perspective towards the subject represented in the media. Specifically regarding the role of the mother-woman, we aim to highlight the patriarchal characteristics involved in the ideal motherhood imposed on the female gender and analyze how subjects are constituted within discursive systems that define their identities and behaviors. This theme is justified by the debates raised by feminist movements regarding the contradictions imposed on the desire to be both a mother and a woman and how this consequently implies a different perspective on fatherhood. To achieve these objectives, we draw on the theoretical framework of Discourse Analysis, especially in Maingueneau (2008, 2017), and the sociological studies of Goffman (2014). We thus constitute a corpus with discursive segments from the magazine Pais&Filhos and an analysis procedure through the categories of interdiscourse, subject, and identity. We conclude that the subjects emerging in the discourse update the traditional identity traits of father and mother and that the strategy for maintaining these traits occurs through media discourse, intersected by the atopic discourse of laughter.

Keywords: Discourse Analysis. Interdiscourse. Identity. Subject. Motherhood.

Introdução

Temas sobre a maternidade e ser mãe, na contemporaneidade, tem tomado as páginas das mídias tradicionais e virtuais, bem como as pesquisas acadêmicas, especialmente assumidas por mulheres. A contradição constitutiva do ser mãe, pelo menos vista atualmente, abre-se como um espaço fértil para potentes reflexões sobre a trajetória da mulher na história, em particular, na era capitalista que constrói um modo de ser materno, maternidade e infância, voltados para a manutenção do sistema produtivo. A questão se torna contraditória quando as próprias mulheres começam a questionar o que é ser mulher, o que é ser mãe e onde cabe o desejo entre esses dois lugares. A existência da relação mãe e filho romantizada começa a dar espaço a uma visão mais pragmática e mais individual do desejo, da culpa e, como um dispositivo discursivo, enlaça a paternidade para o interior dessa mesma discussão. O que é ser pai, o que é paternidade e como esse movimento das mulheres impõe uma outra reflexão sobre este tema e enlaça os homens a se questionarem também. Nessa esteira, a temática desse trabalho encontra-se no interior dos debates acerca da emergência do sujeito e como este atualiza as identidades resultantes de uma forma tradicional de representação. Dado às diversas estratégias de manutenção das identidades legitimadas historicamente, tomamos os discursos que circulam na mídia, especialmente aqueles atravessados pelo riso como forma de reposicionar essas identidades aceitas socialmente.

Pretendemos, portanto, apresentar uma proposta de análise que questione a manutenção dos estereótipos por meio do discurso do riso, contribuindo para a construção de processos de leitura a partir de um olhar crítico diante do sujeito representado na mídia. E, especialmente em relação ao papel da mulher-mãe, buscamos apontar os traços patriarcais envolvidos na maternidade ideal imposta ao gênero feminino e analisar como os sujeitos são constituídos dentro de redes discursivas que definem suas identidades e comportamentos.

No espaço conceitual, debatemos a relação entre identidade, sujeito e discurso, empregando uma abordagem metodológica fundamentada nos conceitos de interdiscurso. Nosso objetivo é compreender como as identidades são construídas, utilizando a revista Pais&Filhos como estudo

de caso. Analisamos seis memes que evocam o riso, destacando de maneira aparentemente leve e despreziosa de apresentar o lugar socialmente inadequado do pai ao tentar se inserir em um cenário que não lhe é atribuído: o de cuidador. Esses memes reforçam também o papel da mãe, retratada, insistentemente, atuando de acordo com as expectativas sociais em relação ao cuidado. No contexto desta análise, é essencial considerar o conceito de sujeito como ser moldado por práticas discursivas e relações de poder, o qual reproduz as normas sociais e ideologias dominantes, reforçando assim os papéis tradicionais de gênero evidenciados nos memes.

Referencial teórico

Sujeito e identidade

A definição dos papéis sociais de pais e mães nascem de um construto identitário acerca dos gêneros masculino e feminino, associados diretamente ao sexo biológico. O sujeito, no entanto, não é visto como o sujeito do enunciado, mas sim como uma posição ocupada dentro do discurso. Neste conceito, (FOUCAULT, 2010) o sujeito é atravessado pelas ideologias que se expressam nas formações discursivas, as quais o permitem manter uma posição específica. Como essa posição é determinada pelas formações discursivas, o sujeito pode incorporar diferentes traços ideológicos dentro de um mesmo discurso.

Compreende-se, portanto, que o sujeito é aquele que, inserido em uma complexa rede de discursos e práticas de poder, internaliza e reproduz as normas e ideologias predominantes, muitas vezes em uma dimensão muito mais inconsciente do que consciente desse processo. Por meio da análise das formações discursivas e dos mecanismos de assujeitamento, Foucault revela como as identidades e comportamentos individuais são moldados e regulados por estruturas sociais e discursivas, evidenciando o papel central das relações de poder na constituição do sujeito moderno. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda de como as dinâmicas sociais e as práticas de poder influenciam a subjetividade e no comportamento dos indivíduos, destacando o interdiscurso, práticas sociais e construção identitária.

Nesse sentido, os papéis sociais surgem como modos de existência dos sujeitos. Goffman (2002), descreve os papéis sociais como uma atuação na qual os indivíduos são pressionados a desenvolver, satisfazendo as expectativas sociais. O sujeito mãe, por exemplo, precisa atuar seu

papel de responsável e protetora, visto que já existe um cenário pronto para tal ação. E, mesmo que de forma imperceptível, devido sua recorrência, a mulher é pressionada a reproduzir a cena e, portanto, a identidade. Compreende-se sua atuação a uma ação ou acontecimento que ocorre dentro de um papel pré estabelecido.

É por meio de uma fachada social que o cenário é construído, e o sujeito, para realizar sua atuação, escolhe, inconscientemente ou não, qual cenário considera mais adequado para exercer seu papel. Para Goffman (2002, p. 29), “*fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a sua representação*”. A fachada limita os cenários e define os elementos padrões de um certo grupo, pois sua composição é consequência de um longo processo sócio-histórico. Já os cenários podem variar moderadamente devido às influências culturais.

Em relação à maternidade, a fachada construída apresenta elementos relacionados à feminilidade, preocupação, responsabilidade, altruísmo, e outros, com eles, os cenários, para a atuação do papel de mãe, são montados. E mesmo sendo possível diferentes combinações entre os elementos, os cenários formados carregam aspectos estabelecidos por um processo patriarcal em que o gênero feminino deve corresponder, preservando históricas relações de poder. É necessário ressaltar que não estamos falando exatamente de cenário empírico, mas também dele. Porém, o cenário é uma representação que se produz a partir da fachada e que atribui sentidos à escolha e à disposição dos elementos o constituem. O cenário é, enfim, uma organização simbólica, por isso, significante.

Para que a atuação seja, então, consistente, o indivíduo precisa abranger ao máximo os aspectos oferecidos pela fachada e cenário, tanto em sua aparência, quanto em suas maneiras. A aparência funciona como um símbolo que associa o indivíduo a um determinado grupo social, enquanto a maneira de agir representa a forma como ele se comporta dentro desse cenário específico. É possível que esses dois pontos não sejam compatíveis um com o outro, acarretando assim uma perda em relação ao papel ou funcionando como um informe de que o ator está presente no cenário inadequado. Ou seja, se a aparência de um pai evoca estereótipos associados ao gênero masculino, mas sua maneira de agir transmite cuidado ou sensibilidade, o riso pode funcionar como um sinal de que essa maneira de agir não está alinhada com sua aparência e, portanto, não corresponde ao cenário social esperado. Tomamos estereótipos como o conceito

apresentado por Lippmann (1973: p. 149) “não vemos primeiro para depois definirmos, mas primeiro definimos para depois vermos”. Isso implica dizer que temos já estereotipadas as cenas em nossa memória e, ao tomarmos contato com as várias experiências da vida, encaixamos tais experiências em cena já validadas por nós.

O número de fachadas é extremamente limitado enquanto as possibilidades de atuação são infinitas (Goffman, 2002). Nessas circunstâncias os estereótipos são fortalecidos, visto que existe uma exigência coletiva para que a maneira e aparência sejam congruentes e, também, para que os sujeitos atuem usando elementos de uma fachada pré-construída. Caso isso não aconteça ele não fará parte de um grupo, sendo motivo de riso devido a sua incapacidade de adaptação. Mesmo que o indivíduo assuma um papel ainda não estabelecido socialmente, alguns aspectos referentes a esse papel vão lhe determinar uma fachada, pois essas estruturas já estão prontas.

A mãe que assume um papel de provedora da casa, por exemplo, sai do cenário que lhe foi convencionalizado e acaba selecionando uma outra fachada em que estão presentes aspectos de iniciativa, desapego e racionalidade e outros, mas sua aparência continuará criando expectativas em relação ao cenário em que ela deve atuar. A aparência, portanto, impede que a mulher-mãe escolha uma fachada que não é capaz de oferecer ferramentas para a construção do cenário materno. Quando a mulher opta por atuar com elementos de diferentes cenários, os dois papéis, o de mãe e o de profissional, têm a credibilidade comprometida.

Sendo assim, encontram-se vários aspectos compulsórios que colaboram para a manutenção dos estereótipos na sociedade. A formação das identidades é consolidada por meio do discurso, o qual se constrói a partir de um conjunto de regularidades interdiscursivas. É importante observar que a enunciabilidade não é adicionada a análise do discurso, ela faz parte da própria construção do discurso, ao passo que a identidade do discurso se forma dentro de um lugar social a partir de uma relação constante entre enunciado e enunciação. O discurso do riso se apoia em uma formação discursiva, a qual possui um sistema de regras e restrições mantido historicamente e nesse espaço se constituem, também, as fachadas e os cenários. A partir disso, hipotetizamos que a formação discursiva fornece razão para que o meme, atravessado pelo discurso do riso, reproduza enunciados que reforçam alguns estereótipos sociais internalizados pelo sujeito ao longo do tempo. Nesse sentido, a aparência rep

resentada nos memes se forma a partir de limitações sociais em relação às escolhas e possibilidades de ação que limitam suas escolhas e possibilidades de ação, moldando o que se entende por sujeito.

Interdiscurso: a mídia e o riso

Dado que o discurso é um processo de interação contínua, Maingueneau (2008) apresenta o interdiscurso como uma atmosfera mais ampla, a qual se constitui conforme as diversas formações discursivas. A relação que elas estabelecem é que determinam modos de dizer em determinados contextos.

Compreender o interdiscurso exige a observação das relações sociais e históricas que acompanham as formações discursivas e estabelecem determinados lugares para cada uma delas. Os discursos não são traduzidos do mesmo modo na sociedade e, para reconhecer os limites entre eles, Maingueneau (2008) apresenta uma topia discursiva que define um limiar ao dividir os discursos entre atópico, tópico e paratópico.

Os discursos considerados paratópicos são aqueles que constroem um sentido para a vida e para o mundo a partir de si mesmos. Ou seja, não necessitam recorrer a outros discursos para dar legitimidade ao que produzem. O discurso literário, o religioso, o científico e filosófico são os quatro discursos paratópicos postulados por Maingueneau (2008), visto que atravessam praticamente todos os demais discursos, não precisando de uma formação específica. Por outro lado, os discursos atópicos são aqueles rejeitados socialmente. Tal rejeição se dá em função deles se configurarem como antiéticos, marginais e mesmo criminosos. É o caso dos discursos machistas, da violência, racista entre outros. Trata-se de um tipo de discurso que não é capaz de existir por si só, pois nenhum machista se diz machista ou violento, isso é camuflado dentro do discurso que ele se utiliza para circular, ou seja, são discursos parasitários que se impregnam em discursos cotidianos.

Apesar da distância entre os discursos atópicos e paratópicos, ambos fazem parte do mesmo universo discursivo, mas o encontro só acontece por meio dos discursos tópicos, os quais já possuem um papel legitimado e conhecido devido sua recorrência, como o discurso midiático, o acadêmico, o político etc. É nele que o discurso atópico se manifesta, enquanto o discurso paratópico é retomado para garantir a legitimidade do enunciado. Os limites entre eles são muitos

sutis e os discursos se atravessam a todo instante, sendo impossível de separá-los de forma definitiva, por isso, preferimos utilizar o termo limiar ao analisar essas fronteiras.

A interação desses discursos constitui a base interdiscursiva dos discursos, inclusive daqueles aqui analisados. O discurso midiático recorre aos discursos paratópicos para se legitimarem, mas são impregnados pelos discursos atópicos de forma mais ou menos sutil. Esses discursos constroem representações que se consolidam em identidades que influenciam na emergência dos sujeitos. No corpus é recortado do discurso tópico midiático e do discurso atópico do riso.

O discurso da mídia, e o modo como ele se configura, possibilita espaço para que o discurso do riso e outros discursos atópicos se manifestem. Patrick Charaudeau (2007), define o discurso midiático como uma ferramenta política, visto que a mídia é usada para manipular a opinião pública conforme as demandas econômicas. Ou seja, o modo como as comunidades sociais são apresentadas pelas mídias diz respeito a interesses políticos e econômicos que determinam comportamentos padrões a serem seguidos. Para o alcance de um público cada vez maior e pelo caráter competitivo das redes sociais e midiáticas, é necessário encontrar um ponto em comum entre os leitores, os fatores políticos e econômicos. Esses elementos abrangem as relações sociais, fazendo da notícia e de outros gêneros midiáticos produtos que precisam ser atraentes e práticos para o leitor e seu consumidor. Desse modo existe uma modificação da realidade social, construindo e determinando um modo oportuno de traduzir o espaço público e se tornar consumível.

O discurso da mídia, portanto, trabalha com o garantido. Ele se molda a partir da repetição e representação ornamentada daquilo que já é socialmente aceito e estimula a consolidação de uma ferramenta de manutenção para uma realidade que já é esperada. A partir disso, constrói-se uma relação de interdependência entre público e mídia no processo de reprodução de crenças e estereótipos, o qual ganha legitimidade quando consumido por um grande número de pessoas.

Com a mídia virtual, esse processo de manutenção e reprodução dos cenários sociais acontece de forma ainda mais rápida. Redes sociais propõem a momentaneidade e o rompimento da barreira espacial. Influenciam, assim, as relações de leitura e escrita em revistas, blogs, portais, e outros veículos online que precisam acompanhar esse movimento. Passa, portanto, a produzir

um conteúdo mais imediato e interativo para impulsionar os acessos por meio das redes sociais. Logo, os memes ganham espaço em matérias e publicações online, uma vez que tratam de assuntos atuais de modo risível, muitas vezes sendo apresentado como uma espécie de fotojornalismo, tendo a predominância do visual em relação ao verbal.

O meme é construído intencionalmente para o riso a partir de montagem e/ou colagem de fotos, desenhos, legendas, gifs e outros. A comicidade nos memes costuma surgir de uma rápida associação com um contexto, por vezes bem específico, normalmente com uma forte marca de exagero e estereotipização. Silva e Cano (2022, p. 224) dizem que

para quem usa a internet com a finalidade de se aventurar pelos ciberespaços o termo meme é sempre presente, mas afinal o que é um meme? O nome cunhado pelo Biólogo e Etólogo Richard Dawkins em 1976 no seu livro O Gene Egoísta (The Selfish Gene) parte de pressupostos biológicos darwinistas para estabelecer um paralelo por meio de um neologismo da palavra gene. Assim como o gene, que é uma molécula responsável pela transmissão de características biológicas, o meme estaria ligado à capacidade de comunicação e interação humana para transmissão da cultura por meio crenças, signos e símbolos em cada nação. Por meio de gerações e agindo pela imitação, cada meme se estabelece por meio de sua longevidade (por quanto tempo é usado), fecundidade (viralização) e fidelidade (se a repetição muda ou não a identidade do meme).

Dessa forma, ocorre uma padronização de identidades e o discurso do riso nas mídias virtuais, sendo em memes, ou não, se apresenta como algo neutro apenas para entretenimento, sem o objetivo de informar nem convencer o leitor, mas, contraditoriamente, usado na mídia tradicional que compõe o corpus. Mas a neutralidade não é possível no discurso, visto que o discurso é produzido por um sujeito que ocupa determinado lugar na sociedade marcado ideologicamente. Isto posto, compreende-se que a posição do sujeito revela uma formação discursiva a qual possui restrições semânticas que definem o modo de dizer e determinam um lugar de fala (Maingueneau, 2005) No caso de jornais e revistas online, não existe um sujeito determinado e sim uma identidade que constitui a mídia em questão. Por isso, se faz necessário reconhecer a formação discursiva da mídia virtual que servirá de análise para este trabalho, e quais os possíveis sentidos adquiridos na produção do discurso do riso nesse contexto.

Por sua vez, o riso é uma condição social, ele só acontece a partir de uma relação humana, com a qual se constroem padrões, e aquilo que não procede como convencionalizado, torna-se risível. Bergson (2007), afirma que a comicidade é a rigidez e o riso é seu castigo. Entende-se, aqui, a comicidade como tudo aquilo que suscita o riso. Enquanto o segundo, está ligado a ação de rir. A comicidade faz parte da dimensão situacional, ela surge da estranheza e evoca o riso que é sua

materialização como uma ferramenta de correção e de aviso a inadequação. Desse modo, as situações, os gestos, as características e outros aspectos que desviarem das convenções terão um caráter cômico, e o instrumento para correção do desvio será o riso.

Para Propp (1992) “riem as pessoas e o que é ridículo para elas”, o riso é como um vigilante, sua presença indica uma situação indevida para com o molde social, apontando o ridículo e/ou o inadequado. A vida demanda dos seres humanos uma elasticidade, a qual oferece condições de adaptação à sociedade. E quando as circunstâncias não ocorrem de modo flexível aos costumes, ela é reconhecida, despertando a comicidade e evocando o riso, o qual atua como uma repressão que avisa uma necessidade de ajuste. Ou seja, o riso tem a função social de flexibilizar a rigidez, visto que, o sujeito rígido é incapaz de adaptar-se ao meio e pertencer ao grupo.

O mesmo autor defende que existe uma insensibilidade no riso, visto que seu fim é a correção de uma ação que não se enquadra na estrutura social. O ser humano percebe no mecânico algo desvinculado da vida, algo construído, com finitos movimentos. A ignorância humana em relação a esse automatismo constrói um quadro risível, uma vez que não se considera os aspectos motivadores para a mecanização da vida.

Embora o riso se construa em condições impiedosas, as cenas marcadas pela comicidade circulam de modo leve e desprezioso. O riso aparenta leveza, visto que causa um bem-estar a quem ri. Seu emprego acontece em momentos de ruptura da rotina, do automático, gerando um certo alívio para quem desfruta dele, especialmente porque estes passam a se perceber em um lugar de privilégio ao possuírem uma noção que o alvo do riso não consegue ter. O poder de reconhecer e punir a distração ou rigidez sem estabelecer relação de fato, reverbera os moldes sociais proporcionando o sentimento de pertencer a um grupo, no caso, dos mais espertos.

Sobre gênero e maternidade

Em nosso corpus, mostrado mais adiante, já podemos adiantar alguns aspectos que atualizam os traços típicos da identidade e da fachada que a mulher-mãe, como a delicadeza, ternura, cautela e outros. Diante disso, retomaremos alguns elementos históricos e historicizados que contribuem para o entendimento tanto da fachada quanto do cenário que sustentam a maternidade e os elementos em relação aos papéis de gênero.

A representação dos papéis de gênero organiza espaços políticos estabelecidos por meio de um processo histórico que sustenta aspectos patriarcais. Ser mulher ou ser homem não é algo biológico, mas sim a reprodução de modelos sociais impostos, os quais são previamente construídos tanto na aparência quanto na atuação. Esses modelos mantêm as relações de poder já existentes e asseguram um controle sobre os corpos.

A maternidade é algo produzido historicamente, por isso Wittig apud. Butler (2010) aponta que “o que é aceito como “instinto materno” pode bem ser um desejo culturalmente construído”. A maternidade parte dessa problemática do “instinto materno” como uma forma de controle, com a ideia de que o corpo que gera um ser é automaticamente preparado para tudo que vier em relação às demandas desse mesmo ser, a criança. A mulher é a responsável pelo âmbito privado inclusive em relação ao homem que por “não possuir esse instinto” domina a esfera pública que é onde o poder e o controle estão. Nesse sentido, Badinter (1985) esclarece:

É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai.” (Badinter, 1985, p.25)

O papel da mulher-mãe está, então, diretamente atrelado aos valores da sociedade, os quais se modificam conforme a necessidade e interesse do poder. Bandinter (1985) explica que no século XVII e XVIII a infância não tinha valor e o índice de mortalidade infantil era alto. A igreja, sob a ótica de Santo Agostinho, considerava as crianças como fruto do pecado. Ainda recém-nascidos, os filhos eram deixados com as amas de leite, e, caso sobrevivessem, o que era raro, só voltavam para casa dos pais a partir dos cinco anos. Pedagogos recomendavam aos pais a frieza com as crianças. E é somente no fim do século XVIII que os conceitos de infância e maternidade começam a tomar forma. Isso ocorre de modo harmônica à ascensão da burguesia pós revolução francesa e com o advento do capitalismo. Tanto infância como maternidade surgem como dispositivos que enquadram a mulher a partir de um certo estereótipo que, pouco a pouco, vão consolidando uma identidade de mulher-mãe e seus atributos como base para a manutenção de uma sociedade que prospera pela produção, pelo lucro e pelo consumo. Nesse ambiente de trabalho, o homem sai e a mulher fica para cuidar da criança e dar sustentação para que essa mesmo homem cresça socialmente.

Assim, a mãe se torna a responsável pela salvação do filho, com o qual, involuntariamente, ela terá que desenvolver um afeto. Segundo Badinter (1985), o objetivo era “produzir seres humanos que serão a riqueza do Estado” e para isso precisavam que as crianças sobrevivessem. Por isso, a esperança estava na amamentação.

A influência da igreja também é significativa para o momento. A sagrada família e a imagem da Mãe de Jesus, Maria, começam a ocupar lugar de importância na idade média e se consolidam na idade moderna. Maria é realçada e as palavras “amor” e “materno” passam a constituir traços sinonímicos, reforçados em diferentes esferas sociais. Desse modo, é possível perceber elementos desenvolvidos há mais de dois séculos que se incorporam nos discursos atuais, visto que atende aos mecanismos de poder.

Metodologia

Para esta pesquisa, percorreremos um trajeto exploratório dos enunciados, passando para os traços do interdiscurso, especialmente do discurso midiático e do riso, para mostrar o modo como o sujeito emerge e atualiza os traços identitários típicos. Com esses dados analíticos, procederemos a reflexão acerca dos papéis de pai e mãe neste campo. Como corpus usaremos uma matéria constituída por seis memes, que retratam, de forma cômica e de modo comparativo, a relação de pais e mães com seus filhos. Dado que o *corpus* é predominantemente visual, vale ressaltar que, segundo Maingueneau (2005), os textos imagéticos possuem os mesmos determinantes da linguagem verbal. Por tanto, nossa análise se configura a partir de uma “intercompreensão semiótica”. Aplicamos às imagens, as mesmas categorias de análise do discurso usadas para textos verbais.

A revista selecionada existe desde 1968, ganhou sua versão virtual em 2004 e hoje conta com uma plataforma que inclui um site, página no facebook, canal no youtube, perfil no instagram e outros. Embora o nome da revista seja Pais&filhos, o discurso construído é voltado para as mães. Diversos elementos linguístico-discursivos, verbais e não verbais, constituem um discurso em que o cuidado da criança é associado unicamente com a maternidade. A revista online se apresenta como uma marca *para a família, para a grávida, o grávido e para os pais de crianças até 12 anos*, mas logo em seguida o texto é direcionado apenas para as mães, *acreditamos na*

pluralidade e que não existe um único jeito de criar os filhos: você pode ser uma boa mãe se tiver parto normal ou cesárea, se tiver amamentado ou não(...) Lutamos pelo direito de você poder fazer suas próprias escolhas.

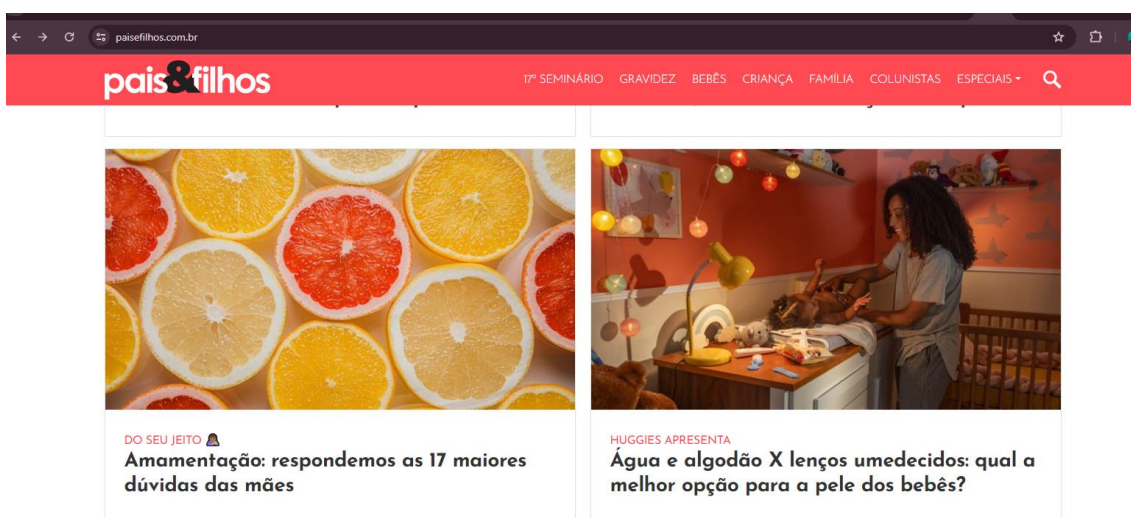
O site da revista conta também com trinta colunistas de diferentes áreas da saúde, educação e estética. Além disso, a organização da página inicial indica quem é seu público alvo. As chamadas são produzidas a partir de um discurso em que a mulher é a responsável pelos cuidados dos filhos e da casa. As notícias que circulam as chamadas principais também se referem majoritariamente as mães. Abaixo, dois *prints* da tela inicial do site em diferentes dias que demonstram como a revista se organiza visualmente de modo a evocar uma identidade discursiva.

Figura 1.



(Fonte: Revista online Pais&filhos. Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br>> Acesso em: 6 de maio de 2019.)

Figura 2



(Fonte: Revista online Pais&filhos. Disponível em: <<https://www.paisefilhos.com.br/>> Acesso em: 29 de abril de 2024.)

A primeira figura apresenta uma matéria em que uma mãe oferece dicas de organização, reproduzindo a imagem da mulher, já existente no imaginário coletivo, como responsável pela casa e encarregada de tomar conta de todos os pertences dos filhos. Além disso, a propaganda, do lado direito da tela, mostra a capa da revista impressa com uma foto de mãe e filho, sem aparecer o pai. A segunda imagem mantém-se no mesmo sentido, com ambas as matérias direcionadas às mães. Uma delas, indica: "Do Seu Jeito" e aborda o tema da amamentação, enquanto a segunda apresenta uma foto de uma mãe cuidando do bebê.

As figuras, portanto, sustentam a identidade da revista tendo em vista que “as representações são moldadas e modificadas para se ajustar à compreensão e as expectativas da sociedade em que é apresentada” (GOFFMAN, 2002, p.26). A mídia virtual se molda a partir dessas representações estereotípicas que já são esperadas pelo leitor, com isso tem seu discurso comprado e validado. A partir disso, observamos que a construção da revista Pais&filhos revela um caminho sócio-histórico cultural para que haja um espaço possível para tratar as relações familiares a partir de uma perspectiva de gênero e maternidade estereotipada que determina uma fachada para mães e uma para pais. Desse modo, pretendemos percorrer esse caminho para compreender como esse discurso se legitima ainda hoje.

Análise

Acompanhamos a revista Pais & Filhos desde do início de 2015 e notamos que as matérias

eram majoritariamente voltadas para as mães, reforçando o estereótipo de cuidado e atenção. Além disso, identificamos que o discurso do riso contribuiu com esse estereótipo e, após verificarmos um padrão nas matérias cômicas, selecionamos de modo aleatório algumas delas para desenvolvermos a análise. Assim, nesta etapa, faremos a análise de seis recortes em memes apresentados em uma matéria da revista online Pais&Filhos, com o seguinte título: *Fotos mostram os diferentes comportamentos das mães e pais quando estão com os filhos*. A matéria foi publicada em 2015 no editorial família do site da revista. (Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-osdiferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Além disso, a matéria também foi compartilhada na sua página do facebook da revista, que possui mais de três milhões de seguidores. Até abril deste ano a publicação recebeu mais 2,6 mil curtidas, 317 compartilhamentos e 90 comentários.

Antes das imagens há uma pequena descrição: *“Uma galeria de fotos que está bombando na internet mostra a diferença de comportamento entre mães e pais em diferentes situações com os filhos. As situações, obviamente, não podem ser generalizadas, mas dá para a gente ter uma ideia do que acontece em cada lado”*. A publicação acontece em um espaço de orientação pelo qual leitor acessa a revista Pais&filhos, buscando instruções e dicas sobre a criação de crianças. As imagens, em um primeiro momento, podem fazer com que o sujeito acredite estar sendo orientado, mas isso logo é reorganizado para uma cena que provoca o riso. Ou seja, a orientação se torna um retrato determinante em relação ao gênero do sujeito. Os memes se apoiam em cenas validadas em que mães são cuidadosas, logo, sabem como criar os filhos e pais são sujeitos distraídos, pois mesmo quando tentam, não são capazes de serem responsáveis por crianças. Os sujeitos que se apresentam para nós, aqueles das fotos, são reprodutores do ideal de maternidade como o cuidado ideal para as crianças. Aliado a isso, apresentam fachadas e maneiras de ser que se desenrolam em um traçado bem tradicional, enquanto para a paternidade sobrem o riso e a diversão.

Recorte 1.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamntos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Ambas as fotos não mostram o responsável pelas crianças. A legenda direciona o leitor para que a cena seja associada com a mãe e com o pai, respectivamente, ou seja, a leitura é direcionada para que exista a associação das imagens com o estereótipo materno e o estereótipo paterno, já que o responsável está “por trás das câmeras”. A primeira foto remete a um ensaio fotográfico, no qual a criança é vestida de chef de cozinha, com roupas limpas e os alimentos fazem parte do cenário planejado. Ela é legendada com *mama*, devido a fachada estabelecida para a maternidade, vinculada ao comportamento supostamente materno, ou seja, mães se preocupariam em vestir a criança com roupas e acessórios em um ambiente bonito e organizado, logo essa é a foto tirada pela mãe.

Na segunda foto, o destaque não é a criança em si, mas o desastre na cozinha, visto que o responsável pela ordem da casa e da criança não está cumprindo o papel esperado. A cena se justifica com a legenda “papa”, estabelecendo assim o risível, pois quando é associada com a paternidade o desastre passa a ser compreensível, e o leitor ri para avisar o que o pai, distraído, ainda não percebeu a inadequação, já que o papel de cuidar da casa e da criança não pertence ao homem. É como se disséssemos para esse pai *que rimos de você para te trazer de volta a consciência, ou seja, não tente assumir o papel de uma mãe, essa fachada e essa identidade não te pertencem, isso é prerrogativa dela*. Essa possibilidade depreendida do riso punitivo torna-o um discurso atópico. No entanto, é possível também um outro sentido, que vai se reforçando nas próximas análises, de que a cena com o pai pode ser risível. Que o pai, na cena, traz o engraçado,

o divertido, o leve, sem o autoritarismo de cuidados da mãe. A negociação aqui se fez por meio de outra identidade de pai; aquele que fica pouco em casa, que chega e precisa aproveitar o momento para brincar descompromissado com o cuidado, mas sim em uma fachada que permite uma liberdade, um extravasamento, um riso.

Recorte 2.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Na imagem, existe a comparação de duas fotos tiradas possivelmente em um parque, que reproduz o mesmo efeito que o recorte 1. Na primeira, a criança está com a mãe, elas aparentam tranquilidade e felicidade. Além disso, a responsável também está segurando a criança para que ela não caia, a cena é iluminada e reforça uma relação afetuosa, já esperada entre mãe e filha. Na segunda imagem, o responsável, mais uma vez, não aparece e, é a legenda que o define. Provavelmente, devido a bagunça, a criança está, nesse caso, com o pai. A filha está suja de lama da cabeça aos pés e sua fisionomia não é de alegria e de diversão. Ela parece estar descontente com a situação e a ausência do pai indica que é ele quem tira a foto, sem se importar com a situação da criança, pois possivelmente considera a cena cômica e divertida para ser registrada. Essa fachada identitária traz outra negociação com uma identidade de alguém que tem consciência que não está cuidando direito. O riso aqui parece trazer o pai para o grupo que ri da situação, retomando a ideia de que não é ele que cuida bem, não é ele que é o protetor nos

momentos de intimidade e de cuidados mais próximos. O pai seria aquele provedor distante e, quando se intromete no espaço do cuidado da infância, acontece algo trágico e cômico ao mesmo tempo.

Recorte 3.



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtammentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

A tarefa de alimentar as crianças é destacada neste meme. Na foto da esquerda, com a mulher, a criança está sorrindo enquanto é alimentada. Estão sendo usados acessórios adequados para o momento da refeição como o babador, a cadeira e a colher combinando com o fundo. Além disso, a foto traz elementos coloridos e as duas olhando atentas uma para outra dentro de um ambiente familiar. Mais uma vez a cena é iluminada e a mãe sorri durante a realização da tarefa. A cena construída é de carinho, bem-estar e afeto. À direita, a foto com o homem, conduz ao leitor ao mesmo tema apresentado na primeira foto, logo espera-se que a segunda criança seja alimentada assim como a primeira, pois seria a forma correta. Mas o pai, comparado a mãe, parece não perceber a necessidade do filho, pois ele olha para outro lugar enquanto o bebê suga seu dedo como o movimento feito durante a amamentação. O homem está com a criança em um ambiente externo e suas vestimentas são folgadas, contribuindo assim, para a construção do meme onde o personagem despreocupado e desatento que sai de casa despreparado para cuidar de uma criança é o objeto que evoca o riso.

Recorte 4.



(Disponível em: <<http://paifeilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamientos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

As fotos são tiradas em um parque de diversão e, nas duas, as crianças estão com equipamentos de segurança dos brinquedos e, diferente dos demais memes apresentados, nesse caso, tanto a mulher, à esquerda, quanto o homem, à direita, estão com uma fisionomia feliz e nenhum deles está olhando para a criança. Com isso, o que diferencia e constrói o risível na imagem são as expressões faciais das crianças somada ao diferente estereótipo de gênero aplicado à mãe e ao pai. A criança da primeira foto está sorrindo e sua mão direita está levantada, o que demonstra que ela está sentindo-se segura com a mãe. Mãe e filha olham para o mesmo lugar, como se tivessem em sintonia. Ademais, as vestimentas e o balanço aparecem como ferramentas de leveza e delicadeza para o cenário maternal, visto que mãe e filha estão com vestidos coloridos que combinam, cabelos presos e ao fundo um céu azul. Enquanto na segunda foto a fisionomia da criança é de medo e tensão em uma cena não tão “bonita” e, o homem, mais uma vez, aparenta não perceber a necessidade da criança, está olhando para outro ponto como quem se concentra apenas em sua própria diversão.

Recorte 5



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtammentos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

Nesta imagem o cenário é o ambiente familiar. Na primeira foto, a mãe lê para duas crianças, que se mostram atentas ao livro infantil, ambas estão se apoiando na mãe que está com as pernas cruzadas, postura muito associada socialmente à fachada de seriedade e a feminilidade. A foto apresenta ferramentas variadas que contribuem com a manutenção do estereótipo da mulher mãe, o ambiente aparenta sossego e a cena é ideal. E em contraste com a segunda foto as qualidades esperadas da mulher são ressaltadas. Pois na foto da direita o homem está jogando vídeo-game dentro de uma bacia enquanto os três filhos seguram diferentes objetos, sendo o primeiro uma cerveja, bebida historicamente associada ao gênero masculino por meio da mídia. O segundo objeto é uma toalha e o último não foi possível identificar. Todos esses elementos da fotografia constituem uma cena em que os estereótipos do gênero masculino são salientados, sustentando a fachada em que homens são irresponsáveis no cuidado com as crianças e se importam consigo mesmos. Isso, conseqüentemente, define a fachada e o cenário. Por tabela, também os das mulheres mães, em que o papel assumido deve vir com a habilidade e a responsabilidade para com as crianças, pensando no bem-estar geral da casa.

Recorte 6



(Disponível em: <<http://paisefilhos.uol.com.br/familia/fotos-mostram-os-diferentes-comprtamementos-das-mães-e-pais-quando-estão-com-os-filhos>> Acesso em: 10 de junho de 2017)

A imagem suscita mais uma tarefa diária comum no ambiente parental e o banho das crianças é apresentado de formas diferentes na primeira e na segunda foto. À esquerda a mãe sorri enquanto banha o bebê, o contato físico e visual também é iminente. A banheira com imagens coloridas contribui para a organização do cenário exemplar. Na foto da direita o que predomina é a descontração, a criança que não tem barba está, assim como o pai, com espuma de barbear no rosto, ambos sorrindo. Além disso, o enquadramento da foto é de Selfie, logo o pai é quem tira a foto por provavelmente considerar a cena interessante de ser registrada devido a comicidade. Desse modo, constrói-se um cenário em que o homem parece mais preocupado com a diversão e a exposição do que com o banho do filho.

Todas as imagens anteriores estabelecem uma mesma situação a ser comparada. As fotos com a legenda “mama” são em todos os casos o exemplo a ser seguido para criação e cuidado. Inclusive a qualidade das imagens é superior, parecem terem sido tiradas de um comercial, retratam mulheres e crianças felizes, bem arrumadas, em um contexto ideal de conexão e afetividade. Enquanto as imagens à direita apresentam crianças com a fisionomia séria, assustada ou até mesmo não mostram os rostos das crianças, enquanto os homens responsáveis estão distraídos e/ou automatizados.

As cenas das imagens são típicas do gênero meme, visto que provoca o riso a partir de uma montagem com fotos descontextualizadas e constrói uma cena cômica respaldada em cenas já

validadas. Isto é, a montagem das duas fotos legendadas, papa e mama, é construída para provocar o riso. Ademais, isoladamente as imagens não causam o mesmo efeito, mesmo que com a legenda.

A escolha de fotos “perfeitas” para retratar as mães faz parte do processo de manutenção dos estereótipos, a mulher mãe precisa ser enaltecida como a única capaz e com o conhecimento necessário para os cuidados dos filhos e da casa. As fotos que estão à esquerda aparecem como um exemplo a ser seguido, enquanto as da direita são sujeitos falhando ao tentar seguir as mães, construindo a ideia de que elas são as únicas que sabem fazer isso, devido ao seu gênero mulher. Dessa forma, os estereótipos e papéis sociais se mantêm funcionando da mesma maneira em que os homens não sabem ou não conseguem assumir a responsabilidade de seus filhos.

O sentido dos memes se estrutura, portanto, em um processo interdiscursivo em que vários discursos que vão sendo produzidos simultaneamente, nesse caso, o discurso do riso se apoia no discurso da maternidade, no discurso machista, no discurso de estereótipo e no discurso de gênero. Discursos que tornam o riso atópico, mas não assumido com esses traços constitutivos. Todos esses discursos atravessam o discurso midiático que estabelece um sentido a partir das necessidades de manutenção social, assim, o discurso do riso ganha legitimidade, visto que cumpre o que é exigido pelo discurso das mídias, em que às expectativas do leitor em relação aos padrões sociais sejam correspondidas de modo que ele continue comprando e consumindo determinadas orientações. Assim, o riso vem sustentar a adesão a uma ideia, a um posicionamento midiático, que se alinha com uma ideologia que mantém a ordem sob a base tradicional de pai e mãe. O riso, aqui, também funciona como forma de envolvimento do leitor para o consumo da revista, pois o humor atrai. O acontecimento, papel de mãe e pai, é reconstruído a partir dos propósitos de consumo da revista e de manutenção da tradição: mãe cuida, pai é provedor. Quando pai tenta cuidar, é motivo de riso e deve voltar ao seu papel original. Por outro lado, pai pode ser aquele presente nos momentos leves, felizes e risonho da criança.

Por isso, o sujeito que emerge nessas cenas atualiza os traços identitários típicos de pai e mãe. Sujeito constituído na contradição, apresentado pela seriedade dos papéis, mas pode ser risível e pode ser opressor com as mães ao mesmo tempo. A infância está localizada no cuidado da mãe, assim como o futuro adulto que será o responsável pela sociedade. As fachadas e os cenários concorrem para o uso dessas identidades que constituem o sujeito.

Desse modo, o corpus de análise nos leva a concluir que dentro desse discurso e desse contexto e, ainda, na temática materna e paterna, a ideologia sustentada pela história da mulher-mãe e pela historicidade que constitui as identidades disponíveis ainda mantém de forma opressora uma fachada e um cenário que pouco se alteraram.

Considerações finais

Entender o discurso do riso como uma ferramenta punitiva é uma questão um tanto quanto polêmica, visto que a comicidade costuma ser traduzida como algo positivo na sociedade. Nas análises, porém, pudemos ver como o riso, marcado interdiscursivamente pelo machismo, opressão e violência contra mulheres, pune o homem que tenta assumir uma fachada, um cenário e uma identidade materna para também constituir a paternidade. Por isso, um discurso atópico. As cenas marcadas pelo riso aparecem em espaços de descontração e bom humor e de forma sutil. A comicidade se constrói para desautomatizar a rotina. As discussões nessa pesquisa mostram que no processo de desautomatização não há espaço para sensibilidade, o riso aponta a rigidez do sujeito com um erro por não se adaptar aos moldes sociais já estabelecidos e comprova que uma falha do acontecimento devido a distração em não perceber que a fachada em que se encontra não é a adequada. Nesse sentido, mostramos a relação interdiscursiva que o discurso do riso estabelece com o discurso midiático, pois o primeiro se constitui como um discurso atópico que para ser validado precisa atravessar um discurso legitimado. Além disso, identificamos os elementos que possibilitam que o discurso midiático sustente o discurso riso, por meio de um processo sócio-histórico em que os papéis sociais são estabelecidos.

Observamos a revista online Pais&filhos e averiguamos, com nosso percurso metodológico, que, apesar de a revista se apresentar como um espaço de orientação para pais e mães, as cenas enunciativas evocadas pela revista são majoritariamente construídas com aspectos associados ao feminino. A partir disso, os efeitos de sentidos revelados na nossa análise se relacionam com a identidade construída pelo site em que a maternidade é apresentada através da fachada determinada para as mulheres.

Foi possível constatar com nossa análise, que os memes, ao compararem pais e mães em tarefas de cuidados com os filhos, colaboram com o enrijecimento dos estereótipos construídos para o gênero feminino em que a mulher-mãe é idealizada como única que possui capacitação para

a criação dos filhos e por isso as tarefas devem ser atribuídas a ela. Além disso, a mãe é representada como o exemplo a ser seguido, enquanto o pai é ridicularizado por tentar atuar em um cenário que não foi feito para ele. Notamos, portanto, que o discurso do riso evidencia a ação do pai como um erro e avisa homens e mulheres que a responsabilidade para com os filhos não faz parte da fachada construída para o gênero masculino. O sujeito que emerge nesses enunciados se adequa aos traços identitários tradicionais.

Em suma, podemos concluir que o discurso do riso é uma poderosa ferramenta de manutenção dos papéis sociais e em sua relação interdiscursiva com o discurso midiático sua existência é consolidada, ou seja, é através do discurso da mídia que o discurso atópico do riso é validado. Com essa pesquisa, foi possível analisar como essa relação acontece nos memes sobre parentalidade, considerando as condições de produção construídas sócio historicamente e possibilitando uma leitura crítica em relação a mídia e as representações de gênero que circulam na sociedade.

Referências

BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERGSON, Henri. O Riso: Ensaio sobre a Significação da Comicidade. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed.Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Introdução à análise do discurso. 2ª. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2004.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das Mídias. São Paulo: Contexto, 2012.

CANO, M. R. de O. A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico. São Paulo:

PUC-SP, 2012. 185 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

GOFFMAN, Erving. A representação do Eu na Vida Cotidiana. Tradução Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In ROSENBERG, B. *Cultura de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Gênese dos discursos. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PROPP, Vladimir. Comicidade e Riso. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SILVA, Éric H. A.M. e CANO, Márcio R. O. A violência em memes virtuais: o ódio e o riso. In. NASCIMENTO, Jarbas V. e MIRANDA, André F. Discurso, cultura e vulnerabilidade linguística. São Paulo: Blucher, 2022.